

# Segurança no "ponto morto"

Segurança vive em compasso de espera com indefinições na PF e na PGR. Mas há sinais de que existe espaço e urgência para engatarmos a marcha do uso de ferramentas de governança baseadas em evidências como estratégia para modernizarmos a segurança pública

O *Fonte Segura* desta semana indica que o cenário político da área de Segurança está em compasso de espera. Os próximos dias vão ser decisivos para os rumos do setor. Estão sendo preparados os lances que vão dar forma ao novo arranjo político do governo. É grande a expectativa com a volta do presidente Jair Bolsonaro ao trabalho depois de alguns dias de licença em função de sua cirurgia.

Nos próximos dias saberemos o que deve ocorrer com o delegado Maurício Valeixo, diretor-geral da Polícia Federal. E, a depender deste lance, também saberemos as reações do ministro Sergio Moro e se ele continua associado ao condomínio presidencial. Nesta edição, analisamos a situação a partir da analogia do empate no jogo de xadrez, sobretudo o empate conhecido como tática do "Rei Afogado", que consiste em tentar ganhar tempo para transformar uma iminente derrota em empate. Ela exige conhecimento e resiliência de quem a busca e disposição para jogar de quem está em vantagem.

Também nos próximos dias deveremos ter a confirmação do nome de Augusto Aras para PGR pelo Senado Federal e notícias da tramitação do Pacote "Anticrime" na Câmara dos Deputados. Vamos conhecer a versão que o Grupo de Trabalho presidido pela deputada Margarete Coelho (PI) e relatado pelo deputado Capitão Augusto (SP) encaminhará ao Presidente da Câmara, deputado Rodrigo Maia (RJ). A expectativa é que a versão a ser votada pelo plenário lembre a proposta de Sergio Moro, mas seja um projeto bem diferente daquele que o governo encaminhou no começo do ano.

Já na semana passada, com a divulgação dos números do 13º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, um fenômeno interessante foi formado na mídia. Os dados parecem estar vinculados a um embrionário mas virtuoso processo de valorização da produção profissional de notícias. Em geral, uma notícia ou conteúdo original produzido por grande veículo de comunicação gera algo em torno de sete reproduções. No entanto, entre 09 e 15 de setembro, o *Fonte Segura* identificou 1.719 notícias citando os dados do Anuário, mas com uma taxa de reprodução menor, de 1,98.

E essa capacidade de engajamento que os dados induzem também pode ser vista das redes sociais. Eles conseguiram romper a já bastante falada polarização, com mais de 95% das postagens dedicadas a divulgar as informações do Anuário. Críticas ao que os dados revelaram e/ou a quem os compilou não somaram 5% das postagens. Mas, de igual forma, a tendência de apenas o título da postagem ser lido e ser suficiente para comentários radicalizados mante-se intacta, em um desafio de comunicação e de ação política de quem queira influenciar a agenda da segurança pública.

O tema da violência contra mulheres e crianças foi um dos que mais ganhou destaque na semana passada e será aqui discutido na seção "Múltiplas Vozes". Mas, analiticamente, temos que reconhecer que ainda existe um descolamento importante este tema e as políticas de segurança pública, como se ele não fizesse parte da agenda das instituições policiais e de justiça criminal. Há avanços, mas ainda há um nível de silêncio bastante alto.

Por fim, a Fenapef enviou um texto comentando algumas das ideias contidas no *Fonte Segura* 5, com críticas à ideia de "tenentismo" trabalhada naquele edição. Na seção de "Economia", publicamos mais um texto sobre o universo dos bancos e a segurança, mostrando a importância de atores não estatais para a melhoria da área no país. Em notas, destacamos que este ano, de completa falta de dinheiro federal, o principal gasto do MJSP com as Unidades da Federação na área é com a compra de novas armas e viaturas.

Em suma, o *Fonte Segura* vai dando mostra de sua pluralidade de olhares e perspectivas e mostra-se aberto aos diferentes pontos de vistas envolvidos na segurança pública brasileira. Temos uma semana em que o ônibus da segurança está na ladeira em ponto morto, mas há sinais de que existe espaço e urgência para engatarmos a marcha do uso de ferramentas de governança baseadas em evidências como estratégia para modernizarmos a segurança pública.

